

IDEOLOGIA DE GÊNERO E A MORTE DA FAMÍLIA - ANALISANDO AS CONSTRUÇÕES DE SENTIDOS EM PRODUÇÕES ANTI-GÊNERO

Matheus Cordulino da Silva

*Graduando do Curso de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo
- SP, mathcordulino@usp.br;*

Jacqueline Moraes Teixeira

*Jacqueline Moraes Teixeira: Doutora em Antropologia Social, Faculdade
de Filosofia Letras e Ciências Humanas – FFLCH- USP - SP, jamoteka@
gmail.com.*

Resumo

O debate em torno da Educação sexual tem, nos últimos anos, estado em disputas político-sociais e epistemológicas, em torno da legitimidade de se falar de gênero com crianças e adolescentes. Assim sendo, partindo de análises de materiais anti-gênero, como cursos, lives, workshops e livros, esta apresentação propõe a debater como, através de uma ótica conservadora, se constroem sentidos em torno do conceito de 'gênero'. Partindo, portanto, da exemplificação de um dos cursos analisados na pesquisa, esta apresentação buscará apresentar a argumentação que produz uma associação entre “Ideologia de gênero”, ou “agenda de gênero”, e a “Nova Ordem Mundial”.

Palavras-chave: Ideologia de gênero, Família, Conservadorismo, Gênero e Sexualidade.

Introdução

“Como é impossível combater um inimigo desconhecido, faz-se indispensável estudar sobre os autores e objetivos que fundamentam a existência dessa agenda cultural e política”. Trecho retirado da propaganda do curso online ‘A face oculta da Ideologia de gênero’.

É com essa aposta em “se conhecer o inimigo” que o curso “A face oculta da ideologia de gênero” é divulgado. Ministrado por Aluísio Dantas, servidor público da área da Educação e com extensa aparição em vídeos pelo youtube em cursos e debates com temáticas anti-gênero e anti-globalismo. O curso é oferecido pelo Instituto Borborema, que, em sua descrição, posiciona-se contrariamente às “modas ‘educacionais’ de Paulo Freire, Piaget e afins [que] conseguiu emburrecer quase que completamente a nossa população”. A intenção demonstrada pelo programa e propaganda do curso é, portanto, fazer ao mesmo tempo uma genealogia da “ideologia de gênero” aos olhos cristãos e uma explicação profunda sobre quais seriam, supostamente, as reais intenções dos movimentos progressistas, o que em determinados momentos exige uma demonstração com “estudos de caso”.

O curso perpassa pelos conceitos de gênero e verdade, discutindo desde Foucault e Butler à Marx e Nietzsche, e propondo uma compreensão urgente da base teórica daqueles que, de acordo com o ministrante, defendem a chamada “Ideologia de gênero” – progressistas, militantes LGBTQIA+, feministas etc. O programa do curso aborda, em suma, uma explicação de uma suposta agenda globalista, que seria difundida por políticos de esquerda, e que contribuiria, segundo Aluísio Dantas, para a implementação da agenda de gênero, aborto e, conseqüentemente, a destruição da Igreja, da fé e da família. Desse modo, o curso, convergindo com publicações dos anos 90 acerca do tema (O’LEARY, 1997; SCHOONYANS, 1997; REVOREDO, 1998;), busca construir uma caricatura da posição daquele que, segundo o discurso do autor, quer a destruição dos cristãos: o revolucionário.

Se, por um lado, os estudos acadêmicos acerca do tema da “Ideologia de gênero” têm-se debruçado, principalmente, em pautas políticas e na defesa de identidades de gênero (LEITE, 2016;

JUNQUEIRA, 2017; MISCOLKI E CAMPANA, 2017), há, por outro lado, uma extensa produção de livros e cursos ministrados por pastores, padres, e ativistas de direita que propõem uma guerra contra à “Ideologia de gênero”. Desse modo, a partir dessa necessidade de “combater um inimigo”, como sublinha a propaganda do curso ministrado por Aluísio Dantas, nota-se um aumento de demanda por parte do conservadorismo em “se aprofundar” em textos de autores que passam a balizar as questões de gênero e sexualidade no meio acadêmico e político mais progressista.

É necessário destacar, entretanto, que há uma distorção político-epistemológica que atravessa a chamada “ideologia de gênero”, visto que ela é uma leitura conservadora de se entender a identidade de gênero, ou seja, o rompimento da construção da identidade baseada apenas em fatores biológicos. Miskolci e Campana (2017), em sua genealogia da ideologia de gênero como pânico moral, destacam que Jorge Scala, autor do livro *la ideologia del género. O el género como herramienta de poder* (2010), define ideologia de gênero como: “um instrumento político-discursivo de alienação com dimensões globais que busca estabelecer um modelo totalitário com a finalidade de ‘impor uma nova antropologia’ a provocar a alteração das pautas morais e desembocar na destruição da sociedade” (apud MISKOLCI E CAMPANA, 2017, P.725). A conceituação de Scala (2010) sobre o movimento pró-gênero, explicita, desse modo, o que muitos outros autores anti-gênero já haviam apontado, de que a utilização do termo gênero estaria associada a um tipo de “sistema de pensamento ideológico” e com um plano político neototalitário.

Um fato interessante na construção do discurso que faz um elo entre “Ideologia de gênero” e neototalitarismo é a tradução do livro de Scala (2010) para o português. A tradução literal do livro poderia ter sido feita, sem perda do sentido original, como “Ideologia de gênero: o gênero como ferramenta do poder”, porém, a escolha do título foi *Ideologia de gênero: Neototalitarismo e a morte da família*. A diferença da tradução ajuda a explicitar como o movimento que se propõe combater a “Ideologia de gênero” ganha força no Brasil. Ele não só se constrói como um discurso de combate à uma ideologia neototalitária, como também está intimamente associado às pautas anti-globalistas, e no combate à hipotética destruição da família nuclear. Tais pautas seriam, portanto, uma ameaça global orquestrada pelos “movimentos revolucionários”, a saber, movimentos LGBTQUIA+, feministas, negro

e comunista para destruir o catolicismo e fundar uma nova ordem social com religiões sem dogmas e normas morais. Desse modo, a “Nova Ordem Mundial”, um novo governo neototalitário, que viria a ser um governo global que não ataca somente a Instituição religiosa, mas também o seu povo, a sua crença e seus valores cristãos, daí a utilização do termo “neototalitarismo”.

De acordo com o livro mencionado por Aluísio Dantas no curso, *Introdução à Nova Ordem Mundial* de Alexandre Costa. A Nova Ordem Mundial:

“[quer] a destruição do cristianismo, é o ponto central de todo o plano, é a verdadeira questão que deve ser compreendida e combatida. A perspectiva, a motivação e os métodos da Nova Ordem Mundial são absolutamente anticristãos.” (Costa, Alexandre. *Introdução à Nova Ordem Mundial* (p. 23). VIDE Editorial. Edição do Kindle).

Percebe-se, unindo as definições apontadas tanto por Scala (2010) quanto por Costa (2015), que há uma produção discursiva conservadora e religiosa que projeta uma resignificação dos conceitos de gênero em uma teoria social-teológica sobre identidade que acaba por demonizar sexualidades e performatividades de gênero dissidentes, na tentativa de reforçar um determinismo biológico na produção de sujeitos. Além disso, essa perspectiva anti-gênero, se coloca também como anti-globalista, ou seja, contrária a esse suposto movimento revolucionário neototalitário e anti-cristianismo. Esse posicionamento pode ser exemplificado na fala de Aluísio Dantas, que durante a aula 4, intitulada de *Gênero e movimento revolucionário*, afirma:

“A revolta contra a própria realidade é a revolta luciferina, é a revolta..., a negação da própria realidade tal como ela se apresenta. Por exemplo, eu não aceito a realidade, o fato de eu ser um homem, e a pessoa se rebela contra isso, se revolta contra isso, então, essa revolta contra a realidade é um impulso satânico, isso é um impulso luciferino”. (Fala de Aluísio Dantas em seu curso online ‘A face oculta da Ideologia de gênero’, durante a aula 4: *Gênero e movimento revolucionário*.)

Proponho neste artigo, a partir das discussões anteriormente apresentadas, adentrar alguns argumentos defendidos pelo ministrante do curso, e evidenciar como algumas falas são recorrentes no meio anti-gênero, pontuando, porém, que há algumas diferenças no

ativismo conservador evangélico e católico. Desse modo, apresento brevemente como foi construída a metodologia de pesquisa que resultou neste artigo, e algumas considerações acerca da investigação do tema, que ainda está em curso. Friso, por último, que este artigo é fruto da pesquisa de iniciação científica “*Os atuais problemas de gênero: etnografia das pautas anti-gênero na produção de pedagogias conservadoras*” orientada pela Prof.^a Dra. Jacqueline Moraes Teixeira e desenvolvida sem bolsa dentro do departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Metodologia

Esta pesquisa busca utilizar a etnografia como parte dos métodos para compreender o crescimento dos cursos preparatórios para “a educação moral/ cristã dos filhos” e do “combate à ideologia de gênero”. Desse modo, a metodologia tem como base fazer uma análise discursiva das discussões acerca da educação sexual nas escolas e uma análise etnográfica dos cursos anti-gênero, de modo a buscar compreender a forma que o conceito de gênero passa a ser empregado nesses contextos.

Utilizando o conceito de etnografia multisituada de Marcus (2001), a pesquisa propõe seguir as redes dos conflitos perpassados pelo tema da “Ideologia de gênero” que ligam cursos e livros à figuras públicas e políticas, sempre com um olhar para as produções que baseiam determinados discursos. Toma-se, portanto, o campo como o próprio conflito acerca do conceito de gênero, que tem reverberado tanto em diversas produções acadêmicas como não acadêmicas, seja da perspectiva favorável ou contrária.

Seguir o curso do conflito é, portanto, fazer com que, através do mapeamento das controvérsias, seja possível compreender como o conceito de gênero é vinculado aos discursos conservadores. Além disso, é importante frisar que, por se tratar de uma pesquisa antropológica multisituada, há a necessidade de se compreender e sistematizar as últimas publicações sobre “Ideologia de gênero” de modo a explicitar o crescimento da disputa político-epistemológica que resultou em problemas públicos nos últimos anos.

Referencial teórico

“Sou menino diferente das meninas tão legais,
Sou menina feminina isso é lindo e bom demais,
Nosso gênero vem de Deus e não pode ser mudado,
Me aceito como sou,
Vou cumprir o meu chamado [...]”
Trecho da canção “Nosso gênero vem de Deus” da
banda Trio R3, lançada em 2018.

Em um vídeo que já conta com mais de 2 milhões de visualizações e 138 mil curtidas, a banda Trio R3, formada pelos irmãos Rony, Rayssa e Raiany, atualmente com idades entre 21 e 11 anos, cantam sobre “se aceitaram como são” e “não se sentirem um erro, ou ter nascido no corpo errado”. O vídeo da música “Nosso gênero vem de Deus” foi lançado em 5 de maio de 2018, período em que se debatia as reverberações sobre as mudanças realizadas no final de 2017 na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) – que, entre outras coisas, retirava as discussões de gênero do currículo nacional.

A música, portanto, se torna mais uma afirmação do movimento anti-gênero frente à suposta “ideologia de gênero”. Algo interessante a ser observado é que em uma rápida pesquisa no Youtube com o nome da música, é possível perceber o seu impacto em algumas comunidades evangélicas, que passaram a gravar suas igrejas e família cantando e dançando a música, como se fosse um “hino” ou “louvor”. Assim sendo, quando a banda e as comunidades evangélicas cantam “Não nasci no corpo errado; o meu criador amado; desenhou um corpo pra mim”, se exemplifica e se explicita essa visão de que não existiria a possibilidade de qualquer identidade quebrar o sistema sexo/gênero. Além disso, reforça-se estereótipos de gênero, com a finalidade de disputar a categoria gênero, agora como algo natural e biológico – fato que pode ser visualizado através do vídeo da banda, ou dessas comunidades evangélicas, em que aparecem meninos vestidos com tons azuis e brincando com carros de brinquedo e meninas vestidas com vestidos de tons rosa e brincando com boneca enquanto cantam: “Sou menina feminina, sou menino masculino”.

As discussões sobre a identidade de gênero na escola e de outros temas ligados à educação sexual, remontam inicialmente ao período de 2004, com o surgimento de propostas de programas voltados para a educação sexual e promoção de direitos associados à pauta

feminista e LGBTQIA⁺¹, que acabou por acentuar um debate público em torno do conceito de gênero, bem como todas as discussões subsequentes, como machismo, homofobia, transfobia. A leitura do conceito de gênero de Butler ([1990] 2018), como algo que seria passível de quebrar o sistema sexo/gênero (Rubin, 2018) ganha projeção e ajuda a delinear um campo de disputa sobre a legitimidade em falar de gênero, de corpo, de sexualidade, e principalmente, ao falar desses assuntos dentro do ambiente escolar.

Na visão de Butler, “gênero [é] “um ‘ato’, por assim dizer, que está aberto a cisões, sujeitos a paródias de si mesmo, a autocrítica e aquelas exhibições hiperbólicas do ‘natural’ que, em seu exagero, revelam seu *status* fundamentalmente fantasístico.” (BUTLER, 2018, p.253). A reflexão de Butler tem repercutido desde a publicação original em 1990 (cujo título era *Gender Trouble*) e, com isso, algumas vozes contrárias à reflexão da filósofa têm emergido, principalmente entre religiosos. A canção citada acima afirma que o gênero viria de Deus, associando novamente gênero a sexo. A visão binária de masculino e feminino pautada na diferenciação biológica pênis/vagina, e que está explicitada na música, está em consonância com a postura do movimento anti-gênero. Movimento esse que, como explicitado acima através da discussão sobre a música “meu gênero vem de Deus”, aparenta querer ressignificar “gênero”, o limitando a uma reafirmação do sistema sexo/gênero, que reafirma a binariedade existencial na qual, homens tem pênis e mulheres tem vagina.

A partir das discussões acerca do termo gênero e dos seus usos para se pensar políticas públicas, e principalmente a sua entrada no cenário educacional, faz-se notar o movimento de pânico moral criado a partir da propagação do termo “Ideologia de gênero”. Assim, como apontam Balieiro (2018) e Borges e Borges (2018), o pânico moral ajuda a construir um problema social que necessita de uma mobilização massiva a fim de preservar determinados valores sociais e morais. Através dessa lógica, portanto, cria-se um problema público em que

1 Há em 2004 o lançamento do Projeto Federal Brasil Sem Homofobia, com a promoção de direitos sexuais e reprodutivos voltados à população LGBTQIA*. Além disso, em 2010 começam as discussões acerca de outro projeto federal, o Escola Sem Homofobia, desta vez com políticas voltadas para o combate de bullying e violências no espaço escolar contra estudantes LGBTQIA*. Para uma análise mais aprofundada sobre esses projetos ver Leite (2014; 2017).

através de uma arena pública (CEFAI, 2017) se travam debates acerca de determinadas legitimidades, como por exemplo a legitimidade de se falar em Educação Sexual na escola. Quem tem legitimidade para poder falar sobre gênero e sexualidade com as crianças e adolescentes? Qual a legitimidade das políticas públicas voltadas para o respeito à diversidade sexual e de gênero?

No esforço de mapear esse espaço de disputa, e de compreender como se constrói e se debate a “Ideologia de gênero” como problema público, esta pesquisa se debruça sobre etnografias da produção anti-gênero de livros, cursos, workshops que se multiplicaram no Brasil a partir de 2016. Tais produções reivindicam um lugar legítimo na elaboração dos sentidos e do uso do conceito de gênero na medida em que promovem um enfrentamento aos estudos feministas e as pautas LGBTQIA+ alegando que tais agendas de orientação política progressista teriam como objetivo utilizar gênero como ferramenta ideológica de erotização infantil e subversão da identidade cristã. É neste cenário de controvérsias que esta pesquisa se insere, buscando seguir as redes que emaranham o social e o ligam as produções anti-gênero a seus atores e a seu público.

Resultados e discussão

Reiterando que a pesquisa está em curso, sinto a necessidade de sublinhar que muito se tem produzido sobre “Ideologia de gênero”, porém, por diversas vezes, tais pesquisas se constroem a partir de uma perspectiva crítica ao movimento anti-gênero, e com isso, acabam por apontar a “Ideologia de gênero” como algo falacioso e construído originalmente por conservadores católicos (JUNQUEIRA, 2017). Esta pesquisa, no entanto, embora entenda a posição legítima, e necessária de crítica ao movimento anti-gênero, se propõe a compreender como o gênero é conceituado a partir de uma perspectiva conservadora nativa. Assim, a pesquisa destoa de outras produções, já que ela toma como pressuposto o ponto de vista do nativo, conservador, que percebe gênero como ferramenta de medo e afronta às famílias cristãs.

O curso de Aluísio Dantas se propõe a fazer uma genealogia e síntese do que seria gênero através de um olhar conservador e anti-gênero. O ministrante faz um apelo em suas aulas em ficar de olhos abertos para os perigos diários das pautas progressistas, pois, todos

os dias, os cristãos estariam sendo afrontados pelas agendas ditas globalistas. Dessa forma, o curso parte da crítica à verdade como algo inventado, criado, criando assim, uma crítica direcionada a Nietzsche, Foucault e Butler. Além disso, segundo o professor, entender a verdade como algo que se constrói gera um afastamento das escrituras sagradas, da verdade de Cristo. Há, assim, uma retomada dos argumentos teológicos para afirmar que a verdade é o que se encontra na observação da natureza, e com isso, o ministrante pretende evidenciar que não há, dentro da normalidade, a possibilidade de existir outra identidade que não seja cisheteronormativa.

Dantas, segue em suas aulas, apontando para o problema do constrangimento social. Dantas cita Olavo de Carvalho durante a aula 04 - *Gênero e movimento revolucionário*, para apontar que o movimento revolucionário faz uma inversão da linguagem e dos valores, afim de constranger as pessoas, que acabam por aderir ao ideal revolucionário por mera pressão psicológica. Em vista disso, Aluísio afirma que a ridicularização dos discursos da direita e dos conservadores ao se tornarem piadas e sátiras na internet, servem como tentativa de manipulação da verdade e intimidação para que cristãos se percam em seus caminhos e passem a adotar um “discurso revolucionário” devido aos constrangimentos a qual são submetidos.

A etnografia do curso sobre “Ideologia de gênero”, possibilita chegarmos em alguns dados muito interessantes para criar uma reflexão acerca do conservadorismo e movimento anti-gênero. Primeiro, como aponta Bulgarelli (2020), o movimento anti-gênero é parte importante da articulação de políticas públicas, e principalmente na mobilização da população em prol dessas políticas. É preciso frisar que o combate à “Ideologia de gênero” faz parte do *modus operandi* do governo atual, que atua através de dispositivos criadores de pânico moral. O conservadorismo político anti-gênero, ao associar a utilização da perspectiva de gênero como algo “diabólico”, “satânico”, “anormal”, assim como fazem com seus defensores, acaba por suscitar uma mobilização de lideranças católicas e evangélicas que somam a uma pressão política contrária a projetos políticos pró-LGBTIA+ e feministas.

Outro ponto importante a ser destacado é que embora, como apontam algumas genealogias acerca do uso do termo/ sintagma, “Ideologia de gênero” seja uma criação discursiva do vaticano em resposta às conferências da ONU sobre direitos sexuais e reprodutivos

das mulheres e população LGBTIA+ (JUNQUEIRA, 2017; MISKOLCI E CAMPANA, 2017), ela se torna no contexto brasileiro, um movimento, majoritariamente, liderado por figuras públicas evangélicas, como o deputado e ex-presidente da comissão de direitos humanos Marcos Feliciano (PSC), o ex-senador e presidente da comissão parlamentar de inquérito sobre pedofilia Magno Malta (PST), a atual ministra da mulher, família e Direitos Humanos Damares Alves, além dos pastores Edir Macedo (Igreja Universal do Reino de Deus) e Silas Malafaia (Assembleia de Deus Vitória em Cristo).

É necessário ressaltar, porém, que embora haja uma movimentação política evangélica mais midiaticizada, a maioria dos livros com temática anti-gênero é produzida e distribuída por editoras católicas. Além disso, Aluísio Dantas, ministrante do curso sobre “Ideologia de gênero”, é católico. Em linhas gerais, o movimento católico anti-gênero aparenta ter uma necessidade maior de articulação teórica, a fim de tentar criar uma crítica anti-gênero que não se baseia somente em estudos como também em evidências científicas e acadêmicas. Nesse sentido, o curso etnografado apresenta um apanhado geral das produções anti-gênero que visam “evidenciar as intenções por trás da ‘Ideologia de gênero’”². Há, portanto, através dessa exegese conservadora e fundamentalista do que seria gênero, a tentativa de construir uma crítica destinada aos estudos acadêmicos que debatem gênero e sexualidade, além de alertar sobre os perigos que tais ideologias teriam ao engendrar políticas públicas. A crítica conservadora anti-gênero, portanto, visa não só a crítica ao gênero, como a incitação à mobilização de conservadores e fundamentalistas para a vigilância e combate de políticas públicas que fujam aos padrões daquilo que por eles é entendido por “normal”.

Em suma, além de ter havido uma crescente na produção de materiais anti-gênero, cursos como “A face oculta da Ideologia de gênero” tem visado alcançar um público conservador e tentar explicar quais são as estruturas do pensamento “revolucionário”, ou seja, político progressista, e como as pautas feministas e LGBTQIA+ seriam parte de um grande plano conspiracionista dos comunistas. A revolução

2 Fala de Aluísio Dantas retirada da *Aula 01 - Percepção da Realidade e Restauração do Senso Comum (O Problema da Verdade)*.

marxista, como salienta Aluísio Dantas diversas vezes durante o curso, seria, desse modo, um governo neototalitário.

Considerações finais

O termo “ideologia de gênero” ajuda a criar um campo de batalha, em que se travam diversas disputas, mas que, segundo Aluísio, e o movimento anti-globalista fazem parte de uma guerra muito maior. Neste ponto, pode-se dizer que combater a “doutrinação nas escolas”, “pautas gays”, ou “pautas de liberdade sexual e pró-aborto” seriam grandes batalhas, porém, ainda assim, menores e mais fáceis que a grande batalha ideológica, que desvia cristãos do seu caminho através de artifícios “satânicos”³ como a manipulação da linguagem. Nesse aspecto, a “ideologia de gênero” tem se tornado, em uma visão conservadora, um dos pilares principais da agenda globalista a serem combatidos pelos cristãos anti-gênero. A agenda globalista, assim sendo, conseguiria reunir tudo aquilo que ofende a fé cristã segundo esses grupos; quebra do sistema sexo/gênero e das definições binárias e cisheteronormativas de homem/mulher; expansão dos direitos de matrimônio para LGBTIA⁺; novas definições de família, visando incluir famílias não-monogâmicas e homoafetivas; expansão do acesso à contraceptivos e o direito ao aborto. A implementação da “agenda de gênero”⁴, na perspectiva anti-gênero, pode ser compreendida como desde a criação de políticas públicas que levem em consideração gênero como uma perspectiva, ou categoria analítica (Scott, 1995), como também mudanças sociais que projetam no espaço público através das mídias outras possibilidades de sexo, gênero, sexualidade, masculinidade, feminilidade, raça, credo e qualquer outra coisa que possa vir a questionar o discurso hegemônico cristão conservador.

Como ressalta Aluísio Dantas, o foco do movimento de gênero seria o ataque às escolas. Dantas retoma Bourdieu e Althusser como autores revolucionários, para defender a ideia de que, como esses autores já haviam apontado em suas obras, a escola seria um lugar de reprodução das ideologias dominantes. Dito isso, o ministrante

3 Fala de Aluísio Dantas retirada da *Aula 05 - Gênero e Família + Gênero e Pedofilia + Gênero e Educação Sexual*.

4 Para maior aprofundamento no termo “agenda de gênero” ver O’Leary (1997), *Lexicon* (2007).

do curso explicita que as políticas públicas voltadas para a Educação Sexual, seriam, na verdade, uma forma de assumir esse aparelho ideológico do Estado a fim de poder propagar uma nova ideologia, e assim, poder criar no espaço escolar novos militantes e ativistas revolucionários⁵.

A lógica por trás da mobilização contrária à Educação sexual nas escolas, seria que haveria uma erotização infantil, e com isso se atacaria a pureza das crianças, que são descritas como o futuro da Igreja. Além disso, ao desconstruir o ideal de que os papéis de homem e mulher são designados pela vontade de Deus, “os revolucionários” estariam corrompendo a estrutura da família cristã, que representa em si o vínculo com o sagrado. Desse modo, na lógica do pensamento de Aluísio Dantas e de outros autores anti-gênero⁶, o movimento de gênero atacaria toda a estrutura da base cristã, doutrinando crianças, estimulando mulheres a deixar a criação e dedicação às famílias em segundo plano, criminalizando socialmente a masculinidade, impedindo homens de serem homens, e limitando a liberdade religiosa, de pensamento e expressão cristã, em prol de determinados grupos que supostamente seriam minoritários.

O combate à “ideologia de gênero”, portanto, não deve ser tratado apenas de um enfrentamento às pautas feministas e LGBTIA+, mas como uma disputa política-social e epistemológica de noções de acerca dos Direitos Humanos (Bulgarelli, 2020), como também dos direitos de liberdade de expressão, liberdade religiosa e liberdade de pensamento. A “subversão da identidade” como está no subtítulo da tradução de Problemas de gênero (2018) para o português, emerge como uma ameaça a própria identidade cristã que parece se sentir deslegitimizada no exercício de sua fé. A ideia de subverter a identidade aparece como uma tentativa de destruir a identidade cristã-conservadora, em prol de construir uma nova sociedade revolucionária e neototalitária, ou seja, a subversão da identidade cristã

5 Paráfrase da fala de Aluísio Dantas na *Aula 06 – Gênero e Educação*, ao falar sobre o Livro de Althusser (1970) os aparelhos ideológicos do Estado.

6 Aluísio Dantas cita, durante a *Aula 04 Gênero e Movimento Revolucionário + Gênero e Revolução Sexual*, que se baseia no livro *Pontifício Conselho para a família: Lexicon: termos ambíguos e discutidos sobre família, vida e questões éticas* para poder articular a “agenda de gênero” com a “agenda globalista e de destruição da família”.

seria a pedra angular a ser enfrentada para poder se implantar a “Nova ordem mundial”.

Referências

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. Rio de Janeiro: Graal, v. 2, 1985.

ALZAMORA REVOREDO, Oscar. **La ideologia de género: sus peligros y alcances**. Lima: Comisión Ad Hoc de la Mujer; Comisión Episcopal de Apostolado Laical, Conferência Episcopal Peruana, 1998.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 208 p.

BULLGARELLI, Lucas. Entrevista: ‘Damares e Guedes são parte do mesmo projeto político’, diz pesquisador. Rosana Pinheiro-Machado. The Intercept Brasil. Entrevista. 20 de Setembro de 2020.

CEFAÏ, Daniel. PÚBLICOS, PROBLEMAS PÚBLICOS, ARENAS PÚBLICAS...: O que nos ensina o pragmatismo (Parte 1). **Novos estudos CEBRAP**, v. 36, n. 1, p. 187-213, 2017.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Ideologia de gênero”: a gênese de uma categoria política reacionária—ou: a promoção dos direitos humanos se tornou uma “ameaça à família natural”. **Debates contemporâneas sobre a educação para a sexualidade**. Rio Grande, Editora da FURG, p. 25-52, 2017

MARCUS, George E. Etnografía en/del sistema mundo. El surgimiento de la etnografía multilocal. **Alteridades**, n. 22, p. 111-127, 2001.

MISKOLCI, Richard; CAMPANA, Maximiliano. “Ideologia de gênero”: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. In: **Sociedade e Estado**, v. 32, n. 3, p. 725-748, 2017.

O’LEARY, Dale. **The Gender-Agenda: redefining equality**. Lafayette: Vital Issues, 1997

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A FAMÍLIA. Lexicon: termos ambíguos e discutidos sobre família, vida e questões éticas. Brasília: Edições CNBB, p. 365-374, 2007.

RUBIN, Gayle. O tráfico de mulheres: Notas sobre a 'economia política' do sexo. In: **Políticas do sexo**. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

SCALA, Jorge. **Ideologia de gênero: o neototalitarismo e a morte da família**. São Paulo: Katechesis, 2011

SCHOOYANS, Michel. **O Evangelho perante a Desordem Mundial**. São Paulo, Grifo, 1997.